3 1761 06676639 5

BRIEF
Z
0020507

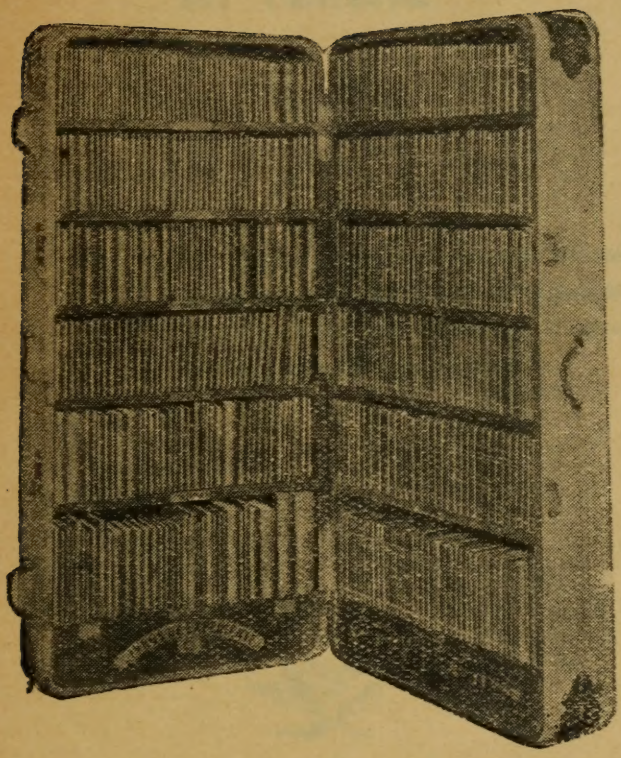
A. P. DE BETTENCOURT ATHAYDE

AS BIBLIOTECAS POPULARES E MOVEIS EM PORTUGAL

Qual o verdadeiro caracter da biblioteca popular. — O seu alcance como instrumento de instrucção publica — Processos e alvitres para procedermos á organisação no paiz das bibliotecas populares de cultura.

OF. ARTES GRAFICAS
Ponta Delgada
Açores
1919

AS BIBLIOTECAS POPULARES E MOVEIS EM PORTUGAL



MODELO D'UMA BIBLIOTHECA MOVEL

Ao Ex.mo Snr.

AS BIBLIOTECAS POPULARES E MOVEIS EM PORTUGAL

A. de Sousa Monteiro

Qual o verdadeiro caracter da biblioteca popular. — O seu alcance como instrumento de instrucção publica — Processos e alvitres para procedermos à organisação no paiz das bibliotecas populares de cultura.

OF. ARTES GRAFICAS
Ponta Delgada
Açores
1919

brief
Z
20507

Ao Ex.mo Snr.

Marquez de Jacome Corrêa

O. D. C.

o auctor

Meu Ex.mo e Presado Amigo

Esta monografia é um estudo das condicções praticas, em que poderêmos resolver o nosso problema das bibliotecas de cultura nacional.

Foi apresentado ao Snr. Ministro, Dr. Alfredo de Magalhães, em Março de 1918, quando S. Ex.ª procedeu á remodelação de toda a nossa instrucção publica.

Foi a primeira vez que, depois do advento da Republica, se traçou um vasto plano moderno de instrucção nacional, plano realisado já em parte, mas no qual ficou ainda para resolver o problema das bibliotecas populares. As dificuldades de ordem financeira e técnica tem obstado, de certo, á satisfatoria solução d'este problema que é importantissimo para o paiz. A nação precisa, agora mais do que nunca, valorisar as suas forças, para pôder lançar-se nos largos horisontes que lhe abra a *Sociedade das Nações*, na qual, pela victoria dos nossos alliados, nôs está reservado um logar que podêmos desempenhar com honra pela missão civilisadora e mundial que ainda temos de realisar.

E' a nossa privilegiada situação geografica entre os paizes aliados, de caes da Europa, como ligação intercontinental e de nação colonial, com ricas materias primas; é a nossa afirmação na ultima guerra, de nunca desmentida bravura e de próspera raça, espalhada por vasta superficie do Globo, com brilhantes tradicções historicas; é tudo isto que nôs confere uma situação talvez unica, na nova fase de civilisação contemporanea, situação que devemos aproveitar, valorisando todas as nossas energias. Se a civilisação deriva, como diz Guizot, do pleno desenvolvimento da força e da acção social, a par de todas as faculdades individuaes, é principalmente na instrucção que está a varinha magica que póde transformar o paiz. Ela, aperando sobre a energia capital de uma nação—a inteligencia—é que cria e desdobra essas forças latentes e in-

calculaveis, para sempre despredíçadas nos paizes ignorantes. Precisamos, pois, agora mais do que nunca, de uma larga instrucção que nôs valorise.

Varias vezes temos afirmado que, por melhores que fôssem as nossas escolas, elas não bastavam; porque, a par d'elas necessitamos, como seu complemento, de bibliotecas organisadas segundo a nóva tecnica, sobre tudo bibliotecas vivas, de informação pratica, que permitam o aperfeiçoamento do trabalho nacional e que alimentem a cultura intensa do paiz, como uma necessidade derivada da escola que emane a estudar. E' esta a ideia principal d'este trabalho, ideia apostolada até hoje sem resultado, á qual julgâmos realisavel no dia em que se veja claramente esta questão, tão capital para o paiz.

V.ª Ex.ª, muito louvavelmente, tem dedicado a este problema o seu tempo e uma importante parte da sua fortuna criando escolas e bibliotecas populares no Districto de Ponta Delgada. Esta generosa iniciativa, tão rara para os que, como V.ª Ex.ª, pôderiam aproveitar os seus ocios nos gosos faceis e despreocupados da riqueza, tórna-o merecedor de toda a sympathia e louvôr principalmente para aqueles que sabem apreciar o valor da causa, em que V. Ex. está empenhado.

Por isso, é com toda a satisfação que inscrevo o nome de V. Ex. na primeira pagina d'este trabalho, como tributo sincero de merecida homenagem a um dos mais illustres conterraneos, fazendo vótos para que os alvitres aqui propostos vão interessar tambem o espiritode V. Ex., chamando-o a nóvos emprehendimentos, para bem da instrucção dos nossos compatriotas.

Aceite V. Ex. os protestos da maior consideração e estima do

seu am.º e admirador

Lisbôa, 18 de Abril de 1919.

Augusto Pereira de Bettencourt Athayde

A biblioteca popular de cultura
O QUE É E O QUE VALE

«Donnez-moi l'education et je changerai la «face de l'Europe avant um siecle».
LEIBNIZ

Uma das maiores conquistas da civilisação é o facto da instrucção obrigatoria e gratuita.

Foi o espirito do seculo XVIII, tão fecundo em grandes idiaes que, pelas theorias dos seus philosophos e economistas, afirmou a justiça de fazer comuns a todos os homens os beneficios da instrucção. Era um mundo nôvo que se criáva, uma ampla arêna que se abria para novas e desconhecidas energias, em que a vóz de Mirabeau sobresaia, defendendo a generoza ideia de se dar a riqueza da intelligencia aos mais humildes habitantes das aldeias. Os legisladores da Revolução Franceza definiram, então, e nos projectos de Talleyrand, Condorcet e Lakanal, o principio essencial da instrucção popular, e d'uma maneira tão lucida, que os poderêmos considerar videntes do mais moderno systema de educação de um pôvo. Pela primeira vez estabelecia-se que, *a par da escola que ensinasse a lêr, era indispensavel a biblioteca popular, que acompanhásse pela vida adeante o cidadão, instruindo-o e dispertando-lhe iniciativas:*

"Nos projectos de Talleyrand e Condorcet, diz Maurice Pellisson, a biblioteca publica é considerada como um orgão essencial da educação nacional; ella torna-se o complemento obrigatorio de todo o systema das escolas».

Decorreu mais de um seculo e, apesar de ainda não bem atingido, nos paizes latinos, a ideia d'esses projectos é esta a concepção moderna da *biblioteca de cultura popular*, como a vae realisando já a America do Norte e a Inglaterra, e por ultimo a Alemanha.

Admitida e bem comprehendida por estes paizes essa concepção, tem se criádo, ha vinte anos, um maquinismo cada vez mais aperfeiçoado para satisfazer essa necessida-

de da civilisação, de dar, na biblioteca moderna, *de ensino pratico*, os meios rapidos de informação, que tornem o cidadão habil nos multiplos negocios da vida. Efectivamente, o homem da actualidade não precisa tudo conhecer, o que seria impossivel, *mas tudo pôder aprender*. Essa iniciativa pessôal sómente se pode adquirir na biblioteca popular moderna, que documentando e instruindo facilmente, é, por isso mesmo, uma instituição essencialmente pratica, viva e util.

As bibliotecas europeas, até á Revolução, eram destinadas aos sabios e aos eruditos, áqueles privilegiados de certas classes, que podiam ter ocios para as aproveitar. Eram então uma especie de sanctuarios, em que o vulgo não entrava. Patrimonio de sabios a biblioteca era para os eruditos.

Apesar dos generosos preceitos dos homens da Revolução e da instrucção obrigatoria e gratuita, é esta a ideia que ainda geralmente predura na maioria dos paizes. Ainda se não comprehendeu bem que o direito de leitura é o complemento necessario d'essa instrucção gratuita e obrigatoria, tão apregôada, como um dógma, em todas as constituições civilisadas! Como todas as ideias sociaes, a nova concepção vae-se lentamente simplificando na complexidade dos phenomenos da civilisação.

Foi preciso que o espirito pratico e expedito da raça anglo-saxonica tornasse a bibliotheca um instrumento verdadeiramente util na vida social, uma novissima força de civilisação e progresso.

Nos Estados Unidos e na Inglaterra as suas *free-libraries*, teem se por isso, convertido n'um dos mais eficazes meios de educação nacional.

Favorecidas pelo Estado, pelos Municipios e pelos particulares, são hoje consideradas, não só uteis á instrucção, mas indispensaveis á ordem de uma sociedade democratica.

"Um governo popular, diz o americano Madison, sem educação popular, é o prologo de uma fárça ou de uma tragedia, e muitas vezes das duas cousas ao mesmo tempo".

Por isso *Le Bon* avalia muito bem a que grau de desvairamento póde ser conduzida uma sociedade á qual fôram concedidos direitos soberanos sem a ter primeiramente instruido. "E' em vão, diz ele, que se terá suprimido a insurreição; se as causas persistem, os efeitos se

reproduzirão. Sem a instrucção das massas populares, é de temer que seja indispensavel em intervalos, cada vez mais frequentes, proceder a amputações cada vez mais crueis. Não ha senão dois meios de nos defendermos das massas ameaçadoras: dizimal-as periodicamente ou instruil-as».

Para o bom cidadão americano, a sua free-library é tambem um meio da sua auto-educação, que orgulhosamente tem como factor de toda a prodigiosa prosperidade industrial da Grande Republica.

Com efeito, é evidente a originalidade dos inventos americanos, originalidade adquirida de certo, por esse pôvo, que desde a infancia e durante toda a vida, sabe como nenhum outro estudar, e documentar-se, servindo-se praticamente dos livros, afirmando superiormente essa audacia intelectual que o tórna preponderante e admirado no meio da civilisação universal.

«O ensino pela biblioteca, diz Pellisson atinge nos ultimos 10 anos na America, uma importancia capital, determinando no systema educativo uma mudança maior do que seria entre nós a suspensão do bacharelato». Efectivamente na America, não se trata tanto do recheio intelectual das escolas, mas de preparar as bibliotecas, para cada qual as pôder aproveitar em todos os sentidos da sua auto-educação. E' tal a notabilidade das *free-libraries* americanas e tambem das inglezas, que todos os paizes, que começam a encarar a sério o seu problema da instrução ahi vão estudar a nova instituição. Em França Morel e Pellisson são os seus campeões, advogando a remodelação da biblioteca popular franceza, ainda tão desprotegida dos governos, embora já muito amparada por varias sociedades de instrucção popular.

Na Alemanha apesar de optimamente munida de belas escolas e laboratorios e de magnificas bibliotecas scientificas, Schultze Nörremberg e Graesel e varios professores das universidades levantaram, em 1890 a questão das bibliotecas de cultura geral, que motivou a creação das suas *bucherhalle*, não sendo para admirar que, dentro em pouco, a Allemanha eguale ou exceda a America do Norte e a Inglaterra.

A Australia e o Japão organisam já as suas bibliotecas á moda americana, e no norte da Europa, a Dinamarca, a Noruega e a Finlandia, ajudadas pelas obras post-escolares, realisam já um movimento de cultura com

as suas bibliotecas de emprestimo, fixas e circulantes. O problema, pois, está em marcha, interessando todos os paizes, de um canto ao outro do mundo.

De tudo o que temos exposto, sintetisando o mais possivel o muito que havia a dizer sobre o valor da moderna biblioteca popular de cultura, se conclue que ela é digna do mais atento estudo, nos seus processos, técnica e meios praticos.

O ponto fundamental do processo da instituição, como afirma Melvil Deney, está em que a *free-library* reduz ao minimo as formalidades que obstem á leitura, e facilita ao maximo a irradiação e dispersão da biblioteca, *a que d'antes era um reservatorio e hoje uma fonte*». A biblioteca americana vae efectivamente a encontro de todos os cidadãos, desdobrando as suas sédes em varios ramos e sucursaes, atravez dos centros, das cidades e vilas e tambem pelos campos, oferecendo o livro á leitura domestica, nas suas bibliotecas moveis. A viril, inteligente e pratica raça anglo-saxonica tornou o serviço da sua bibliotéca popular tão indispensavel na vida civilisada como outros serviços municipaes, e por isso, o cidadão americano e inglez pagam com a maior satisfação o imposto municipal para lêr, *(o penny-rate)*, para ter a toda a hora, junto de si, um livro que os informe, instrua ou distraia.

O emprestimo domiciliario, facilitado ao maximo, torna-se, pois, o processo principal da *free-library* que, como diz Melvil-Devey, é mais para os livros (de emprestimo) do que para os leitores, o que não quer dizer que n'essas bibliotecas não haja salas de leitura tambem sempre cheias de pessôas que procuram documentar-se, instruir-se, ou ler jornaes.

O emprestimo domiciliario é facilitado ao maximo, como dissémos, porque se comprehendeu, e muito bem, que o livro lido em casa, comodamente, nas fólgas do trabalho quotidiano, é que pode tornar-se verdadeiramente proveitoso á grande massa da população activa do paiz.

Mas, como dissémos tambem, a leitura faz-se nas salas da biblioteca, aonde a maioria do publico vae tomar informações praticas, de consulta rapida, e lêr jornaes e revistas.

Na America, onde é notorio o luxo e comodidade d'estas bibliotecas, e na Inglaterra, alem da sala de em

prestimo, elas tem a sala de leitura e a de jornaes e, ás vezes, salas especiaes para creanças e senhoras.

Geralmente a melhor construcção da cidade é a *free library* que o espirito pratico inglez e americano faz administrar por uma comissão mixta de edis e pessôas importantes da terra, as quaes, por um natural sentimento de amor local e de preponderancia, procuram tornar a sua biblioteca cada vez mais rica e perfeita, augmentando-lhe os recursos, com dadivas, dotações e receitas de festas, bazares ou conferencias. E' o imposto municipal, pago da melhor vontade, e a acção d'essas comissões administrativas, que teem feito das *free-libraries* essas magnificas instituições de cultura nacional que são hoje o orgulho do pôvo dos Estados Unidos e da Inglaterra.

Por tudo o que temos dito, se deve concluir que, n'um systema de instrucção publica, a biblioteca de cultura popular é um instrumento de primeira ordem, e que se converte, para o paiz que a saiba realizar, n'um manancial das mais incalculaveis energias, quasi sempre perdidas no seio de uma nação ignorante. Porque, de facto, esta instituição não é apenas, como quasi toda a gente julga, um complemento da escola; é mais do que isso:— é, por si, a mais propria escola para toda uma nação que ahi aprende a tirar todo o proveito da sua força intelectual. O habito de leitura para um pôvo é a sua inteligencia permanentemente em acção, tornando-se cada vez mais apta, para melhorar as suas condicções moraes e materiaes e para vencer na lucta industrial e comercial. Um pôvo assim educado, com a inteligencia sempre adestrada pelas mais variadas leituras, tirando por si dos livros tudo o que precisa, para regular a sua acção na vida, é incontestavelmente um pôvo muito forte pelo trabalho; é o mais feliz entre os póvos felizes, porque habituado a raciocinar, não cae facilmente na anarquia ou na tyrania, e todas as suas leis são dictadas por uma razão clara. E' este, de certo o segredo da deslumbrante prosperidade da civilisação norte-americana.

*

* *

Processos e alvitres praticos para procedermos à organisação no paiz das bibliotecas populares de cultura

Não ha duvida que a biblioteca, como instrumento de cultura nacional, é um maravilhoso factor de progres-

so; mas, resta-nos indagar se alguma cousa pôdemos tentar para a estabelecer no paiz, onde, apesar do Decreto de 18 de Março de 1911, se póde dizer que a instituição não pássa do papel, embora já tenhamos tambem bibliotecas móveis, que mercê de certas circumstancias, teem vegetado até ao prezente.

Não foi uma novidade para Portugal a actual Biblioteca Popular, decretada pela Republica, porque ela já tinha sido creada por Dec.º de 24 de Agosto de 1870; mas então, como agora, essa instituição não passou do papel, por carecer de condicções praticas. Faltava-lhe, como dissémos em «O problema das bibliotecas em Portugal», uma entidade técnica que organizasse as bibliotecas populares.

Faltava-lhe tambem, alem d'um apoio eficaz do Estado, a acção benefica dos *comités* bibliotecarios, tão uteis nos Estados Unidos e Inglaterra. Embora os municipios do paiz possam desejar criar e manter bibliotecas populares, é certo que nada tem podido fazer, porque na maioria, senão na totalidade dos seus edis e municipes, lhes falta a competencia técnica para as organisar. Em todos os paizes, em que a instituição floresce, são geralmente as sociedades de educação popular, ou as sociedades bibliotecarias, que estabelecem as suas bibliotecas populares.

Não dispondo o paiz d'estes valiosos elementos, résta indagar como pôderemos suprir esta dificuldade, que é capital. Afigura-se-nos que sómente teremos de a remediar, criando a lei uma repartição técnica, destinada não só a organisar a nossa rêde de bibliotecas populares por todo o paiz, mas a confeccionar as bibliotecas moveis, que, como adeante verêmos, terão um grande papel a desempenhar. Essa repartição técnica, representa, como demonstrarêmos, a móla real de todo o nosso systema e servirá para organisar e expedir as bibliotecas a fundar no paiz, pelo qual tem de estender-se a sua acção reguladora de preceitos.

O outro motivo, e esse tambem capital para o insuccésso constante das nossas duas leis sobre bibliotecas populares, tem sido a falta de recursos financeiros, para uma empreza que sempre foi dispendiosa.

Como remover, pois, esse grave obstaculo?

Na Inglaterra e nos Estados Unidos, são as bibliotecas populares mantidas, em grande numero, por sociedades particulares, mas, alem d'essas, as que pertencem ás

corporações administrativas são subsidiadas por um tributo especial (o penny-rate), lançado pelo Municipio, oferecendo-lhe tambem o Estado uma valiosa dadiva anual, em livros, em troca da sua inspecção ou *controle*. Este é o laço que unifica toda a acção nacional de biblioteca de cultura popular, da qual se póde já desinteressar o Estado, porque a biblioteca é já hoje considerada como um dos principaes orgãos da Instrucção Publica, que é preciso regular e desenvolver.

Em França, reconhecendo-se que os municipios não pódem tributar-se suficientemente para as bibliotecas populares, é o Estado que as subsidia, alem de tambem muito protegidas e subvencionadas pelas sociedades de instrucção popular e pelas sociedades catolicas. A sua acção é tambem secundada pelas bibliotecas escolares.

Como vêmos, todos os governos civilisados, que avaliam bem o alcance d'esta instituição, procuram subsidiál-a. O Estado e os Municipios subvencionam, mais ou menos, as suas bibliotecas populares, e é essa para nós a unica fórma de pôr em execução o problema. Promulgue-se uma lei que permita aos Municipios que se tributam nos limites das suas forças.

O Estado, embora com sacrificio, deve dotar tambem esta instituição e secundar a acção municipal. Por mais modesto que seja o tributo municipal, ele torna-se sempre muito util, porque, n'este problema das bibliotecas a questão está em começar. Fundada a biblioteca, está averiguado que o tributo pago pelo municipe o incita a usar e zelar o que paga—*a sua biblioteca*.

Assim não só ela é apreciada, mas fica em caminho de ser enriquecida.

Como adeante veremos, o alvitre por nós apresentado facilitará imenso a fundação das bibliotecas, cumprindo apenas aos Municipios, a sua manutenção nos limites das suas forças.

Vejamos agora a maneira pratica de lançar a biblioteca; de a semear no paiz. O terreno é efectivamente ingrato; falta-nos quasi tudo, e só temos de contar com a acção oficial. Realmente estamos n'um paiz de grande precentagem de analfabetos, aonde não existem sociedades de instrucção popular, aonde faltam a educação post escolar para adultos e as bibliotecas das escolas aonde infelizmente mal se sabe o que significa uma biblioteca! Mas será isso motivo para desanimar-mos da empreza e

deixarmos morrer essa tentativa de tão largo alcance? julgamos que não, que é dever altamente patriotico empregar todos os meios praticos para criar e lançar a biblioteca de cultura em Portugal, sem preocupações da modestia de recursos e da acção quasi paternal do Estado junto dos nossos Municipios atrazados e indiferentes.

Em vista das tristes circunstancias intelectuaes do paiz, temos de recorrer a um processo engenhoso; temos de *infiltrar a biblioteca, já feita*, nos Municipios. Este processo afigura-se, ponderando bem todas as circunstancias, não só util, pela maneira facil de operar, mas o unico eficaz e pratico no presente momento, por ser, sobre tudo, o mais economico para o paiz.

Vimos que na America do Norte a biblioteca, para tornar mais intensa a sua acção, *vae ao encontro de toda a gente*, oferecendo os seus beneficios amplamente, irradiando pelas cidades e campos.

Pois, embora por outras razões, façamos que a nossa biblioteca popular de cultura *vá tambem ao encontro de todo o paiz*, essencialmente apático e ignorante. Façamos a *propaganda pelo facto*, de forma que o paiz venha a interessar-se pela biblioteca nova, pelos seus salutares beneficios. Mas qual o processo pratico?...

—Quando, em 1915, organisámos, pela primeira vez em Portugal, as bibliotecas moveis, já tinhamos pensado n'esse recurso que, original como é, se justifica pelas actuaes circunstancias.

A nossa *caixa-estante*, Typo A, foi por isso, organisada como uma verdadeira *biblioteca completa*, obedecendo a todos os preceitos técnicos, e acompanhada dos catalogos, livros de registo e de expediente. Ao creármos esse modelo que pretence hoje ao Estado, sugestionados pelas caixas das *Kreisbibliotheken* da Alemanha, tivémos o preposito de tornar essa caixa *uma lição de biblioteca*, não só do que é essencial, mas que repetida em sucessivas caixas, podésse tornar-se uma biblioteca de milhares de volumes. E' preciso notar-se que o nosso fim era que essa *caixa-estante* que é realmente uma biblioteca completa de empréstimo para leitura domiciliaria, *biblioteca prompta a funcionar*, pôdésse servir de base e inicio á fundação de qualquer biblioteca popular, quando algum Municipio requisitasse a sua organisação. Esse Municipio não necessitaria mais esforço do que adquiril-a na repartição técnica da Inspecção, sob a condicção de pagar me-

tade, de seu custo, oferecendo o Estado a outra metade, como subsidio de fundação.

Em seguida, organisado pela vereação o respectivo *comité* bibliotecario, para a sua administração e gerencia, a nova biblioteca seria mantida pelo Municipio que levantaria um tributo nos limites das suas forças.

Ainda para facilitar a rapida fundação de bibliotecas, poderá o Estado conceder aos Municipios o pagamento do seu debito de adquisição em duas ou mais prestações.

Creada a comissão administrativa protectora da nova biblioteca *(o comité bibliotecario)* e, obtidos os meios para mantel-a, (o tributo para leitura, por menor que seja), é evidente que a biblioteca irá successivamente augmentando sendo, como dissémos a propria caixa-estante a lição facil e o modêlo para o desdobramento da futura biblioteca. Por este processo pratico, iria a acção técnica da repartição central estendendo-se por todo o paiz na organisação da sua rêde bibliotecaria, de uma maneira uniforme, facil e rápida. Vae realmente a biblioteca popular *infiltrando-se* no paiz e tornando-se estimada pelos seus imediatos beneficios. Por outro lado, as Municipalidades obteriam, por uma quantia relativamente pequena, e facilmente, a sua *biblioteca de emprestimo,* que entregue ao professor primario e protegida pelo *comité*, composto por edis e pessoas importantes da terra poderá tornar-se o germen de uma grande biblioteca, por mais modestos que sejam os seus recursos, pois, como bem diz Pellisson, em questão de bibliotecas, mesmo até as pequenas quantias tornam-se preciosas, quando bem aplicadas. A biblioteca irá crescendo sempre.

Muitas das grandes bibliotecas começaram modestamente; algumas até com dezenas de livros.

A biblioteca assim fundada, embora originariamente em *material circulante*, (a caixa estante), póde tornar-se uma verdadeira biblioteca sedentaria do Municipio. Deve notar-se que cada caixa estante, modelo A, composta cerca de 500 volumes, e que muitas das bibliotecas populares da Inglaterra e Alemanha, citadas nas estatisticas, não teem esse numero de livros.

Augmentada successivamente a nova biblioteca com outras caixas, póde, como dissemos, tornar-se uma biblioteca de milhares de volumes, servindo a caixa-estante, Typo A, como movel de biblioteca perfeitamente adaptavel

a uma sala. Com o acréscimo da biblioteca e da sua dotação, ela poderá ser transferida da escola primaria, onde se iniciou, para edificio proprio, em que, alem do serviço de emprestimo, póssa oferecer leitura de sala.

O processo que aqui alvitrâmos sem grandes detalhes, é a nosso ver o mais pratico e economico.

As bibliotecas serão entregues no inicio aos professores de instrucção primaria, sob uma gratificação paga pelo Municipio, para fazerem o empréstimo, que, á semelhança da França, póde ser realisado aos domingos, do meio dia ás 14 horas.

Os funccionarios das bibliotecas, quando elas possam estabelecer salas de leitura, devem ser instruidos na repartição técnica, pelo processo que Ogle propoz em Inglaterra, processo que consiste n'uma aprendizagem prática, durante alguns dias, para o exercicio da profissão, no seio de qualquer biblioteca importante, que, no nosso caso, seria a Biblioteca Nacional.

Comprehende-se, pois, por tudo quanto temos dito, como é possivel lançar a rêde das bibliotecas populares em todo o paiz, por um simples acôrdo entre Municipios e o Estado, acôrdo que poderia realizar-se por intermedio do Inspector das Bibliotecas Populares e Moveis. Este processo de criação de bibliotecas populares que seria adoptado facilmente por quasi todos os nossos Municipios mesmo os mais modestos, póde ainda para os muito pobres ser completado pelo *roulement* ou circulação entre as suas caixas-estantes que, por isso devem ter um recheio diverso. Este meio de aliança e de côoperação de bibliotecas pobres tem sido experimentado, com optimos resultados, em varios paizes, tornando-se mais facil entre nós, em que todo o serviço técnico fica centralisado.

Para iniciar a fundação de grandes bibliotecas de cultura, nas sédes dos Districtos, julgamos conveniente, como meio de propaganda, que a Repartição técnica, organise no inicio da sua cruzada, uma ou mais bibliotecas circulantes, abrangendo dez ou dôze caixas-estantes, (modelo C). que comportam 200 volumes.

Essas grandes bibliotecas circulantes, contendo livros de sciencia, arte, técnica industrial, literatura, historia, viagens, critica, etc, e ao corrente dos progressos intelectuaes modernos irão fazendo estações de dois anos, nas sédes dos districtos. Conforme as circunstancias, perma-

necerão ahi completas, ou fazendo com as suas caixas rotação pelos diferentes concelhos do Districto, pelo processo das bibliotecas itinerantes de França. Consiste esse processo em fazer a rotação das diferentes caixas ou series de uma biblioteca por um itinerario determinado, voltando no fim de cada estação á séde, para continuar o percurso, circulando todas as caixas pelas varias terras de circumscripção. Os funccionarios que teem de acompanhar estas grandes bibliotecas itinerantes tem a missão de promover a fundação de uma biblioteca sedentaria no Districto, por um acôrdo entre as corporações administrativas e o Estado, por intermedio da Inspecção das Bibliotecas Populares e Moveis.

Essas grandes bibliotecas circulantes, destinadas a percorrer as sédes dos Districtos do paiz, ainda desprovidos de bibliotecas, iriam assim fazendo n'esses centros a propaganda, pelo facto da biblioteca de alta cultura, habituando as classes ilustradas á leitura domiciliaria, que é desconhecida entre nós, formando assim nos centros da provincia uma corrente de opinião a favor da biblioteca popular, que passaria em breve a ser um habito para todas as classes.

Este processo, embora dispendioso, iria satisfazer as necessidades intelectuaes de muitos homens ilustrados que, no fundo das cidades provincianas, acabados os seus cursos superiores, nunca mais tiveram ocasião de tonificar o espirito, pondo-o a par do movimento da sciencia, da literatura ou da arte.

Esses homens ilustres e retirados quasi da civilisação do seu tempo, desde que sairam das universidades ou completaram os seus cursos, seriam, de certo, os melhores propagandistas da nova instituição.

As actuaes hibliotecas moveis devem continuar a ser expedidos para todos os pôvoados que as requisitem, e serão entregues ao respectivo professor primario, como é do seu regulamento.

Elas são os pioneiros da cruzada contra o analphabetismo, vão a par da escola, desbravando o caminho da ignorancia popular e fazendo, por toda a parte, conhecida e apreciada a vantagem da leitura domestica.

Estas pequenas bibliotecas moveis, indo atravez do paiz, ao encontro de todos os que sabem lêr, são, na sua modestia, os maiores factores de progresso, e realisam o melhor incentivo para a criação de bibliotecas sedentarias,

quando o livro é tornado já um habito, o melhor recreio na monotonia dos campos e o companheiro de todos os lares.

Ele irá então criar, n'um paiz tão apatico, como o nosso, uma nova geração mais feliz, de homens esclarecidos, e conscientes, esperança de melhores dias. De todos os perigos que nos preôcupam, nenhum mais temeroso do que a ignorança crássa da hora presente, tão cheia de ameaças para a disciplina social. De que serve, realmente, criar escolas, ensinar o pôvo a lêr, quando se lhe dá como unico alimento mental o jornal faccioso, que incita á rebelião?

Desnorteado, sonhando com a proxima edade de ouro, deslumbrado pelas utopias revolucionarias, o camponez que não tem a leitura sã dos livros, póde tornar-se o maior inimigo da civilisação, de que se julga victima.

Ele crê que deve derrubar essa civilisação, cuja aparente injustiça não comprehende, que apenas resulta da desegualdade da natureza humana e que é, na essencia, o incentivo que produziu todas as maravilhas de que o Genio se orgulha. Somente o habito de lêr, o jôgo das ideias, torna o homem propenso á transigencia mutua, pela comprehensão da solida engrenagem das sociedades. Os horrores e as brutalidades pavorosas da anarquia são impossiveis nas sociedades ilustradas; e é na leitura popular que está o seu principal antidoto.

A nosso vêr a biblioteca movel é o mais fecundo manancial de instrucção popular e da qual pôderia o nosso paiz tirar os melhores proveitos. Por isso, as nossas bibliotecas moveis destinadas aos campos e á circulação intensa, devem criar um modêlo portatil, de caixas de 50 volumes, no genero das que espalhou pelos Estados Unidos Melvil Devey, e das que estão sendo usadas na Noruega. Mas precisamos, como n'outros paizes, que o governo faculte a esta utilissima instituição, alem de todo o disvelo que merece, as maximas facilidades em todas as emprezas de transporte, terrestre e maritimo.

Resta-nos tratar de um ponto de certa importancia para a instalaçãe das bibliotecas populares no paiz.

—Poderemos aproveitar algumas das nossas bibliotecas municipaes existentes, modernisando-as?

—Todos sabemos que elas na sua maioria são constituidas pelos restos das livrarias fradescas e por alguns livros de sciencia atrazada e por isso, são bibliotecas inu-

teis mas os Municipios conservam como respeitaveis reliquias do passado. Reconhecida a fraca iniciativa das corporações administrativas, a questão estará em aproveitar o mais possivel essas bibliotecas, embora inuteis, para rapidamente estabelecerem no seu seio um serviço de emprestimo domiciliario e de leitura de jornaes. Para isso bastará um acôrdo entre o Municipio e a Inspecção das Bibliotecas Populares e Moveis, que lhes forneça, não só a caixa-estante que acima falámos, mas lhes faculte todas as facilidades de organisação dos serviços da leitura. A questão está efectivamente *em começar*, está, a nosso vêr, em tornar a instalação dos serviços de leitura tão facil e tão comóda aos Municipios, que eles não possam recusal-a. As velhas bibliotecas, apesar de inuteis, são já, nos orçamentos municipaes, um serviço publico creado que, pelo nosso alvitre, se trata apenas de aperfeiçôar. A' inercia e á rotina municipal custa mais criar um serviço nôvo do que aperfeiçôar ou melhorar um já existente. Estabelecido o entendimento entre a Camara Municipal e a Inspecção das Bibliotecas Populares e creado o *comité* bibliotecario comprehende-se que a biblioteca popular ficará lançada. Todas as demais dificuldades serão de facil solução, para o bom senso dos edis.

E' preciso notar-se, como afirma Pellisson, que não é necessario em certas terras pequenas da provincia, em que todos trabalham sol a sol, que a biblioteca esteja aberta todas as horas, nem todos os dias. Compete, pois, aos *comités* regular o serviço de emprestimo, e de leitura de sala, se o houver, de uma maneira pratica, conforme a melhor conveniencia das locajidades. E' preciso fazer vêr aos Municipios que, n'estes problemas das bibliotecas populares, nôs devémos cingir ás circumstancias. Devêmos ser praticos e eensatos, como se procedeu em Inglaterra; não nos devemos fascinar pelos modêlos sumptuosos das bibliotecas da America do Norte, algumas das quaes fôram dotadas por milionarios, instaladas em belos palacios e abertos dia e noite. A nossa biblioteca popular deve ser um instrumento util e pratico, sem deixar de estar em harmonia com os nossos habitos nacionaes e com os nossos modestos recursos.

O facto de a instituição principiar humildemente, de não dar nas vistas, não lhe tira a sua enorme força. O fluido electrico, apesar de invisivel, é poderosissimo. A fundação da nossa biblioteca popular é pratica e realisavel de

prompto, se, contentando-nôs com os nossos pobres recursos seguirmos o exemplo da Dinamarca e da Noruega.

Como vimos, falta-nos tudo e, desajudado o governo de todos os auxilios educativos de uma nação ilustrada, que se interesse pela instrucção popular, tem de recorrer a meios especiaes, como os que aqui propômos.

Todo este plano é novo e motivado pelas circunstancias quasi unicas do paiz, em que é preciso organisar um maquinismo ajustado ao meio.

Como vimos, no nosso plano a *biblioteca circulante* representa um grande papel. Ela não é só, como em toda a parte, o meio de difundir a leitura pelos campos, ou de remediar as bibliotecas pobres pela sua rotação; a biblioteca circulante é no nosso projecto um meio pratico de tornar a biblioteca popular um facto, *indo já organisada e prompta a funccionar,* como que a infiltrar-se em todo o paiz,

Se nos outros paizes a biblioteca popular é criada lentamente, pelos esforços dos Municipios, das sociedades e dos particulares que a *vão semeando:* em Portugal ela *tem de ser plantada* pelo Estado, e já prompta a dar os seus fructos; e n'esta imagem queremos exprimir que o Governo tem de fazer tudo, suprindo todas as dificuldades técnicas e economicas do problema. O Governo tem realmente de *implantar* em todo o paiz a Biblioteca Popular. E' esta a unica solução pratica do problema.

Bases para a organisação da nova lei

1.º Base:—Criação de um *concelho permanente* junto ao Ministerio de Instrucção, constituido por uma comissão de 10 membros, presidida pelo Ministro tendo como secretario o Inspector das Bibliotecas Populares e Moveis. Esta comissão será composta pelos seguintes funcionarios:

1.º—Reitor da Universidade de Lisbôa.
2.º—Director do Instituto Superior Técnico.
3.º—Reitor de um dos Lyceus de Lisbôa.
4.º—Por dois Inspectores Escolares de Lisbôa.
5.º—Inspector das Bibliotecas Populares.
6.º—Por dois presidentes das sociedades de instrucção popular.
7.º—Chefe da Repartição Técnica das bibliotecas populares.
8.º—Um professor de instrucção primaria.

Compete a esta comissão:

Propôr ao Ministro todas as providencias tendentes á criação, manutenção e desenvolvimento das bibliotecas populares do paiz;

Promover a organisação de um catalogo—typo para servir de base á fundação das bibliotecas populares de cultura.

Gerir a verba de 1800 escudos anuaes, que será destinada á fundação das bibliotecas populares do paiz (sem prejuizo dos 400 escudos já destinados ás bibliotecas moveis);

Resolver e decidir sobre os pedidos dos Municipios para a organisação de bibliotecas populares, determinando quaes as quantias que lhes serão dadas, como subsidio de fundação, obrigando-se os Municipios, pela sua parte, a manter anualmente a sua biblioteca por uma contribuição especial.

2.ª—Base:- Criação de um orgão ou repartição técnica destinada á confecção das bibliotecas reclamadas pelos Municipios, e para a confecção das bibliotecas moveis. Competindo-lhe tambem abrir, por ordem do *concelho permanente*, concursos para fornecimento de livros, encadernações e caixas-estantes das bibliotecas circulantes. Deve tambem encarregar-se esta repartição, alem de toda a parte técnica da biblioteca popular de dirigir, a pedido dos municipios, as suas instalações bibliotecarias, e as modificações necessarias, facilitando-lhes a compra de livros, encadernações, mobiliario, etc, dando sempre os seus concelhos oficiosamente, a exemplo da Library Bureau de New York e da Sociedade Franklin de França. Cumpre-lhe tambem organisar uma secção de expediente da Inspecção das Bibliotecas Populares e Moveis e da sua estatistica. O seu pessoal será, quando fôr preciso, enviado em missão para facilitar a organisação técnica das bibliotecas populares do paiz.

3.ª—Base :—O Inspector das Bibliotecas Populares, alem das atribuições que lhe confére o Dec.º de 18 de Março de 1911, será o intermediario entre o paiz e o *concelho permanente*, propondo e promovendo as medidas que julgue convenientes, para o seu melhoramento e, por si, ou por seus empre-

gados da repartição, promoverá a propaganda, organisação e desenvolvimento das bibliotecas populares do paiz.

4.ª — Base:—Obtenção de todas as facilidades de transporte, nas emprezas de viação do paiz, para pessoal e material da Inspecção das Bibliotecas Populares, quando em serviço das mesmas; pois essas emprezas nada perdem por em taes casos, transportarem mais um passageiro e um pequeno volume.

5.ª—Base:—Criação dos *comités* bibliotecarios, ou comissões mixtas administrativas elegidas pelas Camaras Municipaes, compostos de 3 edis e de 6 pessoas importantes da localidade, para administrarem e protegerem a respectiva biblioteca. Na sua primeira sessão será eleito o presidente, e o secretario será o bibliotecario, se o houver.

6.ª—Base:—Criação de tres grandes bibliotecas circulantes, de cultura geral, que farão estações nos Districtos do paiz. Estas bibliotecas serão compostas de 10 a 15 caixas-estantes (Typo B), de 200 volumes, e devem circular entre as sédes dos Districtos e seus concelhos, como bibliotecas itinerantes. São acompanhadas por funccionarios, que, ao mesmo tempo que regulem a rotação, vão, com o auxilio das corporações e auctoridades administrativas, promôvendo a criação de uma grande biblioteca de cultura, com caracter sedentario no Districto da estação.

7. — Base:—As bibliotecas municipaes existentes, serão transformadas, por comum acôrdo, entre os Municipios e a Inspecção das Bibliotecas Populares em bibliotecas de cultura e de emprestimo domiciliario, abrindo logo uma secção, pelo processo já adoptado nas bibliotecas moveis. A precentagem para a leitura domiciliaria nunca será inferior a um quinto do fundo da biblioteca. A Inspecção facilitará oficiosamente a abertura d'essa secção, pondo ao dispôr da bibliotaca a remodelar todos os variados recussos de que dispõe, desde as caixas-estantes guarnecidas e promptas a funccionar, como bibliotecas de emprestimo, até ás vantagens que lhe são oferecidas nos seus fornecimentos.

8. —Base:—Na fundação das bibliotecas populares, quando fôr requisitada uma caixa-estante (Typo A), será paga pelo Municipio por metade do seu custo, sendo a outra metade oferecida a titulo de subsidio de fundação.

9. —Base:—Promulgação de uma lei que auctorise os Municipios a impôrem-se um tributo para a fundação e manutenção da sua biblioteca, como lei obrigatoria para todas as Camaras Municipaes, contribuição que deve ser lançada nos limites das suas receitas. (x)

FIM

(x)—Nota—Esta monografia foi apresentada ao Snr. Ministro de Instrucção, Dr. Alfredo de Magalhães, em Março de 1918, sendo então fundada a Biblioteca Popular de Lisbôa no Salão do Teatro de S. Carlos e nomeada a Comissão de Educação Popular. Tanto a biblioteca fundada, como a dita comissão, não correspondem infelizmente ao papel que tinham de desempenhar. Póde, pois, dizer-se que continua tudo por fazer.

PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

BRIEF
Z
0020507

UTL AT DOWNSVIEW
D RANGE BAY SHLF POS ITEM C
39 09 10 13 03 002 2